

VOCABULÁRIO REGIONAL NA AMAZÔNIA ACREANA

Aparecida Negri ISQUERDO¹

- **RESUMO:** O trabalho apresenta resultados de estudo realizado acerca do vocabulário do seringueiro do Estado do Acre objetivando inventariar, descrever e analisar aspectos do léxico utilizado pelo grupo com vistas a verificar em que medida esse nível da língua pode retratar a realidade física, social e cultural da região acreana e do grupo de seringueiros em particular.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Léxico; regional; seringueiro; Amazônia acreana.

O Brasil, em decorrência de suas características geopolíticas, possui diferentes regiões com particularidades significativamente marcantes. Em função disso há, no plano lingüístico, determinadas marcas que se evidenciam em mais de uma localidade, sobretudo no âmbito do léxico. Assim, existem palavras, expressões que representam o léxico local de duas ou mais áreas geográficas. Ora, se essas semelhanças acontecem entre diferentes regiões, com maior ênfase elas se manifestam entre os estados de uma mesma Região. Sendo assim, torna-se dificultosa toda tentativa de descrição e de delimitação dos regionalismos próprios de um grupo sócio-lingüístico-cultural.

¹ Departamento de Comunicação e Expressão – Centro Universitário de Dourados – UFMS – 79825-070
– Dourados – MS – Brasil, isquierdo@ceud.ufms.br.

Na pesquisa² que realizamos acerca do léxico do seringueiro acreano, a grande dificuldade que ficou latente foi a de detectar o que, realmente, existe de peculiar na linguagem do grupo que o diferencia do seringueiro amazônico em geral. A despeito de o Acre reter grande potencial de seringueiros e de sua economia, durante muito tempo, ter sido solidificada na extração do "ouro negro", outros Estados amazônicos também apresentam essa mesma característica.

O observador mais atento percebe certas marcas na linguagem do acreano que a diferenciam da forma de expressão de outras regiões brasileiras. Fundamentando-nos apenas em observações empíricas assistemáticas poder-se-ia afirmar, inclusive, que no Acre existe uma especificidade linguística peculiar e distinta dos demais Estados brasileiros. No entanto, um exame mais criterioso da questão suscita questionamentos do tipo: até que ponto a linguagem do seringueiro acreano configura-se como realmente própria daquele Estado? Será que a maneira de falar desse grupo não reúne elementos característicos também de outras regiões brasileiras em virtude da espécie de povoamento ocorrida no Acre? Será essa linguagem específica do seringueiro acreano ou do homem amazônico em geral? Este trabalho apresenta resultados de pesquisa que procurou respostas para questões dessa natureza.

Inicialmente faz-se mister registrar que o Estado do Acre, de economia basicamente extrativista, tem experimentado mudanças na sua estrutura econômica, pois com a desativação de muitos seringueiros, cujas áreas estão sendo utilizadas para a pecuária, os seringueiros deslocam-se para os centros urbanos em busca de melhores condições de trabalho, deixando para trás as suas tradições e, com elas, as lexias específicas usadas para a nomeação das diferentes etapas do processo de extração do látex da seringueira e do processamento precário da produção de borracha. Aqueles que continuam no extrativismo estão sofrendo também uma mudança de vocabulário com a introdução de novas técnicas apresentadas a partir da criação das reservas extrativistas e da implantação do sistema de cooperativa. Atualmente, com a desvalorização do preço da borracha, os seringueiros que ainda permanecem nas matas, trabalhando na coleta do látex, formam um grupo compro-

2. Este trabalho apresenta parte de resultados obtidos através de pesquisa realizada acerca do vocabulário do seringueiro acreano para nossa Tese de Doutorado *O fato linguístico como recorte da realidade sócio-cultural*, defendida na UNESP/Araraquara, em 1996.

metido com a luta em prol da preservação do meio ambiente e da valorização da atividade extrativista na região. Entretanto, a despeito de esse grupo de trabalhadores ser hoje, até certo ponto, marginalizado pela sociedade, conservam-se vivos a sua cultura, os seus hábitos, os seus valores, a sua linguagem, mesmo apesar das pressões externas que ameaçam ofuscar, ou até mesmo aniquilar toda uma tradição cultural, tão representativa, da sociedade amazônica.

Considerando o exposto, a pesquisa objetivou, numa perspectiva mais ampla, descrever e analisar aspectos do léxico utilizado pelo seringueiro com vistas a verificar em que medida ele retrata a realidade física, social e cultural da região e do grupo em particular. Ao inventariar aspectos da expressão lingüística do grupo, procurou-se também detectar o que de específico existe nesse universo lexical. Objetivando, pois, viabilizar condições para o alcance desse último propósito da pesquisa, trabalhou-se com a seguinte hipótese de estudo: as complexidades e os contrastes do hábitat do seringueiro favorecem a existência de um falar típico, notadamente distinto de outras regiões do País.

Importante registrar que o Estado do Acre, a julgar pela natureza do processo de colonização e de povoamento nele ocorrido, concentra uma população heterogênea em termos de origem, que, por sua vez, levou para a nova terra suas línguas, suas tradições, seus hábitos, suas crenças, suas formas de cultura: a lusitana, em decorrência da ação colonizadora portuguesa; a nativa, representada pelas inúmeras tribos que habitavam a região; a do migrante, sobretudo o nordestino, cuja presença foi a mais marcante no processo de povoamento do Acre.

Assim, da miscigenação entre o elemento nativo e os povos colonizadores resultou o homem acreano, com suas características herdadas dos elementos humanos que o constituem e que marcam a sua vida em diversos aspectos. Tanto o invasor como o nativo transmitiram e adquiriram valores culturais e desta fusão cultural resultou uma cultura regional que caracteriza os hábitos, a alimentação, a religiosidade, os valores, a linguagem e outras singularidades que marcam a sociedade local.

Considerando os objetivos da nossa pesquisa, na definição do *corpus*, optamos pela investigação em fontes de natureza oral e de natureza escrita por julgarmos que o confronto entre os dados obtidos nessas duas modalidades permitir-nos-ia melhor analisar a questão relação língua/cultura/sociedade.

A partir do tema seringueiro, selecionamos textos de autores considerados representativos da região acreana, escritos a partir da década de 1970:

- *Cartilhas populares: do seringueiro para o seringueiro*, v. 1 a 5, *História da Amazônia e O caucho, a seringueira e seus mistérios*, de Hélio Melo (ex-seringueiro). Trata-se de pequenas publicações através das quais o autor “fala” ao leitor do trabalho do seringueiro, dos seus hábitos, crenças ... e também dos mistérios da mata, dos pássaros, da caça.
- *O folclore acreano*, de Pe. José Carneiro de Lima, obra que contém narrativas acerca da vida, das crenças do seringueiro.
- *Sapupema* (contos), *Terra caída e Vidas marcadas* (romances), obras de José Potyguara, escritor regional acreano que focaliza a realidade vivida nos seringais acreanos (meio em que viveu durante a sua infância) e mostra-nos homem e natureza intimamente ligados em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis, princípios e finalidades, mas sempre em confronto.

Esclarecemos que, apesar de as obras selecionadas pertencerem à modalidade escrita da língua, o que pode sugerir que não sejam representativas da linguagem usual do grupo, o elemento regional transparece em todos os textos. Adotamos como critério na seleção das obras não só a estreita convivência dos autores com a realidade da região como também a representatividade de suas obras na literatura local. Acreditamos, pois, serem essas obras significativas fontes de pesquisa do universo lexical do seringueiro.

Além dessas obras, utilizamos os documentos, abaixo especificados, para o levantamento dos topônimos empregados pelos seringueiros para nomear os seringais e colocações:

- *Relatório Sócio-Econômico e Cadastro da Reserva Extrativista Chico Mendes*, Rio Branco – AC, Conselho Nacional dos Seringueiros, 1992.
- *Documento* fornecido pelo Centro de Trabalhadores da Amazônia – CTA, contendo a relação de nomes de seringais e colocações (presumidamente) ativados no Vale do Acre, Rio Branco – AC, 1994.

Já no que diz respeito ao *corpus* oral trabalhamos com um material fornecido pelo CEDAC – Centro de Estudos Dialetológicos do Acre, órgão vinculado à UFAC – Universidade Federal do Acre, Instituição que está desenvolvendo o Projeto do *Atlas Etnolinguístico do Acre*. O material fornecido por esse órgão consta de gravações efetivadas no ano de 1989 com seringueiros do Vale do Acre – municípios de *Rio Branco*, *Plácido de Castro* e *Xapuri*. Além desse material, utilizamos gravações realizadas por nós com ex-seringueiros e com seringueiros,

também do Vale do Acre, por ocasião do levantamento de dados na cidade de Rio Branco – AC.³

É sabido que à Lexicologia compete analisar, descrever, explicar, estabelecer modelos dos fatos lexicais, ou seja, efetivar o estudo do léxico quantitativa e qualitativamente. A abordagem quantitativa está voltada para a estatística léxica e formalização lógico-matemática; a qualitativa, para o estabelecimento de um modelo das estruturas do universo lexical determinado. Nesta última, é difícil dissociar o estudo do léxico do contexto social, econômico, cultural porque, dentre os domínios da linguagem, segundo algumas correntes, o léxico se configura como o menos lingüístico de todos – situando-se entre o lingüístico e o extralingüístico. Em nossa pesquisa, adotamos o sistema de análise qualitativa.

Ao estudarmos o vocabulário do seringueiro não foi possível ficar apenas no nível lingüístico. Fatores outros, como, por exemplo, o meio ambiente, muito concorreram para elucidar a questão, no que se refere às virtualidades semânticas do léxico.

Vale esclarecer que não nos propusemos a um levantamento lexicográfico completo dos dados fornecidos pelo *corpus* – obras selecionadas e gravações –, mas tão somente dos itens lexicais de uso cotidiano do seringueiro. Esses termos representaram unidades lexicais de uso específico do grupo, ou integraram o conjunto dos brasileirismos gerais ou dos brasileirismos amazônicos⁴ ou, até mesmo, se configuraram como expressões de uso genérico com conotações semânticas distintas no contexto de uso do grupo. Isto porque a “cor local” manifestada no léxico pode evidenciar-se, tanto através do uso de significantes próprios, quanto por meio da recriação semântica através de incursões de semas específicos a lexemas de uso geral. Por isso, na seleção dos itens lexicais, arrolamos termos específicos da região e, também, aqueles de uso geral que fazem parte do universo natural onde vive o seringueiro ou que se referem à sua realidade cultural, econômica e social.

3 Coletamos dados com seringueiros de um seringal às margens do Rio Apurinã, no município de Plácido de Castro; na Casa do Seringueiro; no Centro de Trabalhadores da Amazônia (CTA), e no Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Assim, na sede dessas entidades, notadamente na Casa do Seringueiro, conseguimos oito informantes – seringueiros e ex-seringueiros – que se dispuseram a gravar entrevistas. Esclarecemos, ainda, que em função dos objetivos da pesquisa optamos pelo sistema de entrevista aberta.

4 Referimo-nos aqui às unidades lexicais assim classificadas pelo lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1986).

Procuramos, também, verificar a importância cultural dos itens lexicais que compõem o universo vocabular do grupo, e observar em que proporção estes elementos lingüísticos servem de instrumento de propagação e de caracterização de valores que afetam o comportamento do homem individual e socialmente considerado.

Partindo do pressuposto de que a significação da palavra decorre do contexto e considerando que nosso interesse estava centrado no estudo do léxico numa perspectiva sociocultural, tentamos analisar cada item lexical observando a sua referência com outros elementos – lingüísticos e extralingüísticos – que pudessem evidenciar alguma relação de significado com o termo em questão. Desta forma, partindo da premissa de que toda palavra envolve uma rede de traços semânticos e por isso integra um determinado campo de significação é que optamos, na organização dos dados, pelo agrupamento das unidades lexicais em campos léxicos de maneira a refletirem aspectos dos ambientes físico, social e cultural do grupo a que servem.⁵ Para a divisão dos campos, obedecemos aos seguintes critérios:

a) seleção das unidades lexicais – palavras nocionais: substantivos, adjetivos, verbos e respectivas locuções; b) formação e organização de campos e de subcampos lexicais; c) análise dos itens lexicais agrupados nos diferentes campos, apresentando-se a significação de cada um, no contexto regional do grupo em questão.

Para a sistematização dos significados das unidades lexicais obedeceu-se à seguinte dinâmica:

a) verificação da aceção apresentada pelos dicionários de uso selecionados – *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1813), e *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986)⁶; b) verificação do significado dos termos em dicionários regionais; c) verificação do significado apresentado pelo autor

5 Fundamentando-nos, basicamente, em Biderman (1981) acerca do conceito de rede associativa e de campo léxico, agrupamos os dados em campos a partir da palavra nuclear **Seringal**, trabalhando com dois macrocampos: **aspectos humanos** e **aspectos físicos**. Ao primeiro macrocampo foram reunidos oito campos léxicos: *nomes dos seringais e das colocações, tipos humanos, atividades humanas, habitação, alimentação, crenças, lazer e transporte*. Já ao segundo foram acoplados cinco campos léxicos: *hidrografia, clima, solo, vegetação e fauna* (Cf. Isquierdo, 1996, p.104-336).

6 A opção por essas obras lexicográficas justificou-se em função da importância das mesmas – enquanto dicionários da língua portuguesa – em dois momentos distintos da lexicografia portuguesa. O dicionário de *Antônio de Moraes Silva* (1813), por ser considerado o primeiro dicionário de usos da Língua Portuguesa, e o de *Aurélio Buarque de Holanda* (1986) por ser o dicionário da língua portuguesa atual com mais verbetes disponíveis. Considerando-se que todo léxico regional, normalmente, apresenta marcas significativas de conservadorismo lingüístico, julgamos oportuna a

da obra-fonte consultada e/ou pelo informante; d) ampliação das informações através da consulta a outras obras de estudiosos da linguagem regional.

O inventário vocabular coletado reuniu um total de 849 (oitocentos e quarenta e nove) lexias – 567 (quinhentas e sessenta e sete) pertencentes ao *vocabulário comum*, ou seja, unidades utilizadas pelo grupo para designar aspectos do seu cotidiano – atividades humanas – seringa, agricultura, caça e pesca –, habitação, hábitos alimentares, lazer, credences, transporte, elementos do meio físico e 282 (duzentas e oitenta e duas) classificadas como signos toponímicos.

Importa registrar que das 567 (quinhentas e sessenta e sete) unidades lexicais que integraram o *vocabulário comum*, 166 (cento e sessenta e seis) são lexias *não-dicionarizadas*⁷ – 84 (oitenta e quatro) identificadas no *corpus* oral, 49 (quarenta e nove) no escrito e 43 (quarenta e três) coletadas tanto do *corpus* oral quanto do escrito. Já dos itens lexicais *dicionarizados*, 175 (cento e setenta e cinco) estão entre os classificados como *Brasileirismos* e 78 (setenta e oito) como *Brasileirismos Amazônicos*. Somente 138 (cento e trinta e oito) lexias integram o *vocabulário geral da língua*.⁸

Essa constatação leva-nos a concluir que o seringueiro acreano incorpora no seu vocabulário uma parcela significativa de unidades lexicais representativas tanto da região Norte – *aviamento; balseiro; brabo; batelão; barracão; caldeirão; centro; chibé; comboio; mãe da mata; defumador; estrada de seringa; marupiara; mutá; tapioca; seringal; seringueiro; varadouro* – quanto de outras regiões brasileiras, notadamente do Nordeste – *bilha; carne de sol; brocar; cabaça; mucunzá; farinha d'água; macaxeira; reza; varanda; taboca*. O predomínio de lexias não dicionarizadas e de emprego específico do grupo recai no campo referente à atividade da *seringa*, ou seja, nas designações das diferentes etapas do trabalho de coleta e de transformação do látex e na consequente comercialização da borracha produzida – *barracão da residência*,

consulta a dicionários de duas fases distintas da história da língua com vistas a uma melhor elucidação do significado dos itens lexicais constantes do *corpus*. Outras fontes lexicográficas foram consultadas apenas quando isso se fez necessário.

7 Para a classificação em "não-dicionarizada", considerou-se a lexia não registrada nos dicionários da língua portuguesa consultados: Moraes (1813) e Ferreira (1986). Algumas dessas unidades encontram-se registradas tão-somente em *glossários* ou em *vocabulários regionais*.

8 Cf. "Quadro das ocorrências das lexias do vocabulário comum no *corpus*" In: Isquierdo, 1996, p.365-73.

da loja, de hospedagem; borracha fina, forte, fraca; bandeira; estrada boa, bruta, cansada; pano de borracha; faca de seringa, paquerar a caça; paxiúba amassada, batida, machucada; poronga; princípio; rede encauchada; trapeça, vadiar a madeira. Já as unidades lexicais do vocabulário geral da língua que integram o vocabulário ativo do grupo, ora representam “marcas” de conservadorismo lingüístico – *abicar; aproar; alumiar; abancar; atracar* –, ora são unidades que, embora de uso comum, no âmbito dos seringais, designam referentes estreitamente relacionados ao trabalho do seringueiro – *balde; bacia; tigela, tigelina; bornal; borracha; corte, cortar; colher, colheita; lamparina; riscar, risco; raspagem* – e, em razão disso, integram o vocabulário específico do grupo. Sublinhe-se que este último grupo de unidades lexicais, a exemplo de outras registradas na pesquisa, conserva, no âmbito dos seringais, o traço semântico básico apresentado pela lexia no vocabulário geral. A especificidade recai, por exemplo, nas características do objeto (tamanho, material de que é feito), como acontece com *balde, bacia, tigelinha*, recipientes utilizados no trabalho de coleta do látex; ou nas técnicas específicas empregadas em ações como as de *raspar, de riscar, de cortar, de colher*, no processo de preparação da árvore da seringueira e na forma de recolha da respectiva seiva.⁹

Nota-se, pois, que as complexidades e os contrastes do meio onde vive e trabalha o seringueiro, como também a própria natureza do trabalho de coleta do látex, favorecem o surgimento de determinadas lexias típicas por nomearem referentes muito próprios do cotidiano do grupo. Todavia, *não se pode admitir rigidamente a hipótese de um falar totalmente distinto de outras regiões do País*. O conjunto de unidades investigadas parece, contudo, conduzir para uma *tipicidade relativa* no que se refere ao vocabulário do seringueiro acreano. Esse grupo deixa transparecer na sua linguagem uma certa “miscigenação lingüística” – lexias assimiladas do habitante nativo, do caboclo ribeirinho e lexias trazidas consigo da sua região de origem, tendência essa justificável em função de condicionantes físico-culturais e socioeconômicos que marcarão o percurso histórico desse trabalhador brasileiro.

Por outro lado, o cotejo das unidades lexicais investigadas revela que, num léxico regional, podemos corroborar a hipótese da necessidade precedendo a arbitrariedade no surgimento de um novo signo. No decurso da análise pôde-se constatar que, no processo de nomeação

9 Cf. descrição e análise das unidades lexicais estudadas em Isquierdo, 1996, p.104-33.

de novos referentes, imperativos de natureza pragmática motivaram a opção por determinadas lexias, geralmente formadas a partir da recuperação de elementos lingüísticos do próprio sistema. Desta forma, a necessidade imediata de nomear aspectos da realidade acaba por motivar o surgimento de novas unidades lexicais.

Os diversos campos analisados, sobretudo o da *atividade da seringa*,¹⁰ apresentam algumas particularidades significativas no que concerne ao conjunto de fatores desencadeantes da motivação. Particularmente, as lexias relacionadas ao processo de coleta ilustram esse mecanismo de construção do significado. Constatou-se que, tanto na forma de designar a árvore da seringueira e seus diferentes estados, quanto na descrição dos procedimentos utilizados na coleta, transformação e comercialização do látex, o seringueiro utiliza-se de lexias construídas, na maior parte das vezes, a partir de unidades lexicais disponíveis no sistema. Tais unidades são “recicladas” com a finalidade de designar novos referentes. Assim é que surgem, por exemplo, *afrouxar o leite*, *tomar o leite*, *estrada de leite*, *espera leite*, expressões muito próprias do universo vocabular dos seringueiros que designam aspectos relacionados ao trabalho de coleta do látex. Pode-se notar claramente que todas essas lexias reúnem elementos com significado já cristalizado no sistema que, nesse contexto específico, passam a designar um referente peculiar a essa atividade humana.

Sublinhamos que, no mundo dos seringais, a unidade lexical *leite* apresenta-se como lexia sinônima de *látex*. Assim, o utente da língua associou à unidade *leite* outros itens lexicais, também já consagrados pelo uso, ao construir lexias de emprego restrito a esse grupo. Sendo assim, o entendimento do significado dessas expressões, a exemplo de outras, fica na dependência da obtenção de informações acerca dos mecanismos utilizados pelo grupo na extração do látex. Trata-se, pois, também, de exemplos de signos motivados na sua origem com significado já convencional a um grupo particular de trabalhadores.

Há de se assinalar que, com exceção do campo léxico da *seringa*, no qual predomina a presença de unidades lexicais de uso limitado ao grupo, ou seja, *regionalismos locais circunscritos ao grupo de seringueiros*, observou-se um certo equilíbrio entre lexias específicas e lexias de uso geral que, ou recebem conotações específicas no seu emprego no âmbito dos seringais, ou são utilizadas no seu sentido original. O serin-

10 Cf. Isquierdo, 1998, p.89-98.

gueiro, em sua maioria de procedência nordestina, com certeza, necessitou alterar sua linguagem de origem com vistas a uma melhor compreensão e adaptação à realidade. Manifesta-se assim, nesta situação, a força da língua como o elemento mediador entre natureza e cultura.

Bem a propósito temos de registrar, ainda, que este estudo propiciou-nos elementos para observarmos, em termos concretos, alguns aspectos da estreita relação existente entre estrutura sociocultural e estrutura lingüística de um grupo, notadamente manifestada no léxico. Essa interdependência evidenciou-se, particularmente, através da presença de nexos significativos entre os diferentes campos e subcampos analisados. Tais nexos permitiram a manifestação das redes associativas garantindo, assim, a produção do significado das unidades lexicais associadas a cada campo. Deste modo, o sentido de determinadas lexias só pode ser abstraído a partir da sua relação com outras unidades com as quais mantêm vínculos semânticos.

Pôde-se, desta forma, obter amostras que ilustram como a língua pode agir sobre a organização do conhecimento cognitivo e sobre a formação da visão de mundo do grupo. Por outro lado, no caso específico do seringueiro, os dados analisados permitiram, também, e muito, a percepção da evidência de determinados elementos extralingüísticos atuando na organização e configuração do léxico. O sistema de povoamento ocorrido no Estado, decorrente de diferentes levas migratórias, a estrutura socioeconômica do grupo, o ambiente geográfico, a significativa presença da cultura indígena na região, o convívio obrigatório com a natureza e com os segredos da mata são algumas das forças que impelem o falante a descobrir maneiras muito próximas para representar a realidade. É natural que a existência de um recorte cultural distinto reclame, também, por unidades lexicais próprias para representá-las, unidades essas que, por serem de uso restrito ao grupo, configuram-se como *regionalismos locais*.

Os itens lexicais arrolados nos diferentes campos lexicais parecem indicar que, na formação do seu léxico, o seringueiro assimilou um número significativo de termos de procedência indígena, sobretudo os relacionados ao universo natural – fauna, flora, hidrografia –, dada a sua estreita convivência com a população indígena local e a sua necessidade premente de representação da nova realidade. Isso nos faz lembrar a máxima sapiriana de que “falar é uma atitude humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro...” (Sapir, 1971, p.18).

A análise dos diferentes campos léxicos estudados permitiu-nos, enfim, observar determinadas marcas culturais da região, evidenciadas no léxico. Observando-se os itens lexicais vinculados a cada campo, constatamos que o seringueiro descobriu maneiras muito próprias de representar simbolicamente a sua realidade cotidiana. Percebe-se que, nesse processo de representação, sobretudo no que se refere à especificidade de sua profissão, esse trabalhador vale-se de lexias com significado já solidificado no uso geral e as utiliza para nomear elementos do seu universo de trabalho. Ilustra bem isso o uso de verbos como *cansar*, *descansar*, *judiar*, *escaldar*, *sarar* para nomear determinados estados da seringueira. Embora usando estes itens lexicais no sentido usual dos termos (referindo-se a seres humanos), o referente é outro, o que faz com que tais verbos adquiram traços específicos bem distintos. É muito forte a conotação para o grupo quando ele afirma, por exemplo, a *seringueira judiada*, a *madeira cansada*. Não se trata, simplesmente, de estar *judiada* e/ou *cansada*, mas que esse estado da árvore, se não cuidado, poderá ser fatal para a madeira. Morrendo a árvore, morre também a fonte de sustento desses trabalhadores. Em razão disso, tais verbos adquirem sentidos muito específicos para o grupo. Confirma-se a força do referente extralingüístico na configuração do significado. E retomando o pensamento de Blikstein (1990), estamos frente a um referente “fabricado” pelos indivíduos pertencentes a uma categoria de trabalhadores que, por força de sobrevivência, teve que aprender a ver os mistérios da floresta com seus próprios “óculos sociais”.

Há que se registrar ainda que as lexias não dicionarizadas, em sua grande maioria relacionadas diretamente à atividade de extração do látex e à conseqüente produção da borracha, foram extraídas das fontes de natureza oral e, portanto, pertencem ainda ao nível da fala. Por integrarem o vocabulário básico do grupo com significado já cristalizado no âmbito dos seringais, essas lexias são próprias e específicas de um subsistema regional. Por nomearem referentes muito particulares de um tipo de atividade extrativista, uma possível convencionalidade dessas lexias no nível de sistema, quando ocorre, é resultado de um processo muito lento. Desta forma, essa parcela significativa de unidades lexicais enriquece sobremaneira o universo lexical da língua portuguesa do Brasil com regionalismos característicos de uma região notadamente marcada pelas suas peculiaridades físico-culturais, econômicas e lingüísticas.

Um outro aspecto que julgamos pertinente retomar é a questão da natureza das lexias representativas de cada campo. Enquanto no

macrocampo referente aos *aspectos físicos* ocorre o predomínio de lexias de procedência indígena, no dos *aspectos humanos* são as de uso comum que se destacam. Tal fato se justifica em função da própria origem do grupo. Em sua maioria nordestinos, os trabalhadores dos seringais trouxeram consigo muito da sua língua e da sua cultura. No entanto, incorporaram, no seu vocabulário, lexias que se referem diretamente a aspectos da natureza local. Daí a predominância da presença de regionalismos, sobretudo amazônicos, entre os itens lexicais relacionados a aspectos físicos da região. De um lado, temos as características naturais da floresta e da fauna e de outro, a presença de elementos estranhos a ela advindos da nova forma de estrutura social e econômica ali instalada. Em razão desses fatores, o léxico do seringueiro engloba lexias de cunho regional e lexias de uso geral que ali receberam “marcas” semânticas específicas, dada a necessidade de nomeação de referentes de uma nova realidade social – a estrutura administrativa, econômica e social do seringal.

Tal fato leva-nos a observar que o seringueiro reflete no seu léxico as diferentes idiossincrasias sócio-bio-culturais do seu grupo, constatação essa que patenteia uma interdependência entre fatores socioculturais e fatores lingüísticos manifesta no uso da língua. Constatamos, pois, que parece ter havido na linguagem do seringueiro a interação entre aspectos lingüísticos locais e gerais e o resultado foi o surgimento de uma certa especificidade lingüística que representa a forma de viver, de agir e de pensar desse grupo.

Não é demais lembrar que o cotidiano de vida desse trabalhador é fortemente marcado pela rotina em função das características do meio e da natureza do trabalho que realiza. Essa constatação parece justificar o fato de o vocabulário do grupo não ser marcado por grandes inovações – a presença de um maior número de ocorrências de lexias identificadas concomitantemente nas fontes oral e escrita evidencia o caráter conservador da língua usada nas regiões rurais. O isolamento em termos geográficos e sociais e, inclusive, as dificuldades de acesso aos meios de comunicação de massa, motivam o não surgimento frequente de neologismos. Deste modo, a língua falada por grupos que habitam no meio rural é passada de geração para geração sem significativas alterações.

Particularmente no mundo dos seringais, esse isolamento é uma constante. Embrenhado no meio da mata a solidão é a única companhia do seringueiro. Percorrendo diuturnamente os mesmos caminhos, realizando uma atividade que não exige inovação tecnológica, o ho-

mem da mata, assim como não inova seu ritmo de vida, não necessita também inovar sua linguagem. Desta forma, a presença de um número significativo das mesmas lexias, tanto no *corpus* oral quanto no escrito, parece comprovar um isolamento lingüístico gerado em consequência do isolamento sociocultural. Isto porque, no ramerrão diário desse trabalhador, "a 'estrada' é o diagrama de sua existência. Uma ida e volta discricionária, entediante. Um curto-circuito estéril, desesperançoso. A barraca, sempre na 'boca da estrada', é o muro de lamentações" (Tocantins, 1979, p.166).

O presente estudo evidenciou ainda a importância da língua como mecanismo de registro e de divulgação de aspectos culturais. Através da análise dos diferentes campos, foi-nos possível constatar a estreita relação existente entre fatos lingüísticos e fatos culturais, na medida em que o exame das unidades lexicais acopladas aos campos analisados deixou transparecer aspectos socioeconômicos e históricos relacionados a um grupo, refletidos na língua. O significado das lexias está estreitamente associado a elementos do meio ambiente físico e social, fator esse que tornou possíveis certas inferências, tanto acerca da visão de mundo dos membros do grupo como do processo de organização e de exploração de um espaço social e historicamente determinado. O inventário do vocabulário do grupo de seringueiros analisado trouxe à baila, enfim, recortes duma práxis social bastante característica de um dado grupo humano cujas raízes estão solidamente cravadas no mundo da floresta, na qual busca seu sustento e solidifica seus valores, suas esperanças... Mesmo que imperativos de diferentes naturezas o expulsem do seu hábitat, o seringueiro acalenta sempre o desejo de retornar às suas origens. Neste particular, é ilustrativo o depoimento de uma ex-seringueira. Quando a questionamos se desejaria voltar ao seringal, esta, enfaticamente, afirmou: "*meu sonho é voltá a vivê no seringal ... voltá a vivê na mata de onde nunca devia ter saído ... queria morá de novo numa barraca aberta ... e sentir todo dia o vento puro da mata ... onde tudo é tranqüilo e num se passa necessidade*" (Isquerdo, 1996, p.350).

Desta forma, a rede de significações que foi sendo tecida no decurso da análise dos diferentes campos possibilitou-nos delinear contornos de aspectos culturais singulares de um grupo de trabalhadores brasileiros, nomeadamente expressos no léxico. As particularidades lexicais detectadas conduziu-nos à retomada de aspectos da tese do relativismo lingüístico – "não há duas línguas que sejam bastante semelhantes para que se possa dizer que representam a mesma realidade social" (Sapir, 1961, p.20). Embora o código lingüístico em uso na região seja a língua

portuguesa, o conjunto do vocabulário do grupo examinado leva-nos também a pensar na direção da comprovação desse conceito sapiriano, uma vez que o maior número de lexias analisadas estão incluídas entre os brasileirismos e entre o conjunto de unidades não dicionarizadas. Trata-se, pois, da eleição de itens lexicais específicos para nomear uma realidade social também muito peculiar.

À guisa de conclusão podemos registrar que o trabalho confirmou a dificuldade de se estabelecer uma classificação dos regionalismos, sobretudo num país com as dimensões geográficas e com as diversidades regionais como as do Brasil. Desta forma, a ocorrência de migrações bastante peculiar nos processos de colonização e de povoamento de determinadas regiões do País; o fenômeno do êxodo rural tão característico da sociedade brasileira, somados à influência dos meios de comunicação de massa constituem-se, a nosso ver, alguns dos entraves que dificultam uma classificação dos regionalismos brasileiros. Na Amazônia acreana o quadro não é diferente. Em face disso, somente a partir de um estudo contrastivo entre o vocabulário do seringueiro acreano e o de grupos de seringueiros de outros estados da Região Norte poder-se-ia estabelecer com exatidão o que há de típico na linguagem do seringueiro acreano que o diferencia do seringueiro amazônico em geral.

ISQUERDO, A. N. Regional vocabulary from the Amazon (Acre State). *Alfa (São Paulo)*, v.42, n.esp., p.93-107, 1992.

- **ABSTRACT:** *This paper presents the results of a study concerning the vocabulary of the rubber gatherer of the Acre State (Brazil), aiming to catalogue, to describe and to analyse lexical aspects used by the group. The study tries to verify how the lexical level of the language may outline the cultural, social and physical characteristics of both the region and the rubber gatherer group.*
- **KEYWORDS:** *Lexicon; regional; rubber gatherer.*

Referências bibliográficas

- BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de filologia e lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1981. p.131-45.
- BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990. 98p.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade sócio-cultural*. Araraquara-SP. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- _____. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P., ISQUERDO, A. N. (Org.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: 1998. p.89-98.
- SAPIR, E. *Lingüística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1961. 203p.
- _____. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971. 262p.
- SILVA, A. de M. *Diccionario da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia Lacerda, 1813. v.1-2.
- TOCANTINS, L. *Formação histórica do Acre*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v.1, 429p.